
O SENTIDO DE REGIÃO: IDENTIDADE E LUGAR – A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

THE SENSE OF REGION: IDENTITY AND PLACE - BAHIA'S COCOA REGION

Lurdes Bertol Rocha¹

RESUMO: Na ciência geográfica os termos espaço, região, território, paisagem, lugar são uma constante em qualquer processo de análise espacial. Dependendo do contexto em que a análise seja feita, um ou outro conceito será utilizado com maior ou menor frequência. Assim, a região pode ser considerada a partir da percepção, valorizando suas qualidades sensoriais, pois “nossos sentidos são locais enquanto que nossa experiência é regional” (LYNCC, 1981, p. 10). Nesta apresentação será feita uma incursão no conceito do sentido de região no seu viés de identidade e lugar. No caso do Sul da Bahia, o conceito de Região Cacaueira poderia ser analisado no sentido de saber se ela é acessível a seus habitantes, se todos têm direito a ela como provedora de suas necessidades materiais, intelectuais, espirituais, se ela se constitui no lugar de seus moradores. Neste estudo, a Região Cacaueira do Sul da Bahia analisará a região como lugar, local de vivência, das experiências, do mundo-vivido, do cacau como signo regional que interferiu e interfere no *modus vivendi* dos habitantes da área produtora de cacau. Nesta apresentação será feita uma incursão no conceito do sentido de região no seu viés de identidade e lugar.

Palavras-chave: Região. Identidade. Lugar. Região cacaueira.

ABSTRACT: In the geographic science region, territory, landscape, place are a constant in any process of spatial analysis. Depending on the context in which analysis is made, either concept will be used with greater or lesser frequency. Thus, the region can be seen from the perception, valuing their sensory qualities, because “our senses are local while our experience is regional” (LYNCC, 1981, p. 10). In this presentation it will be made a foray into the concept of the region as a sense of identity and place. In the case of southern Bahia, the concept of Cocoa Region could be analyzed in order to see if it is accessible to its inhabitants, if everyone is entitled to it as a provider of their material, intellectual,

¹ Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus - BA. E-mail: lurdesbertol@hotmail.com.

Artigo recebido em novembro de 2019 e aceito para publicação em janeiro de 2020.

spiritual, if it is in place of its residents. In this study, the Cocoa Region of Southern Bahia examine the region as a place, place of living, experience, world-lived, cocoa as a sign that interfered regional and interferes with the *modus vivendi* of the inhabitants of the cocoa producing area. This presentation will be made a foray into the concept of the region as a sense of identity and place.

Keywords: Region. Identity. Place. Cocoa region.

1 INTRODUÇÃO

A verdade científica expressa sempre um saber que será ultrapassado. [...] O desconhecido, o novo, o ainda por descobrir, é a meta de todo trabalho científico (MORAES; COSTA, 1987, p. 17).

Na ciência geográfica os termos espaço, região, território, paisagem, lugar são uma constante em qualquer processo de análise espacial. Dependendo do contexto em que a análise seja feita, um ou outro conceito será utilizado com maior ou menor frequência. Nesta apresentação será feita uma incursão no conceito do sentido de região no seu viés de identidade e lugar.

Há tempos o espaço cartesiano foi subvertido. Com as chamadas geometrias não-euclidianas, passou-se a pensar num espaço não-dimensional em contraposição ao espaço tridimensional. Para Heidegger, só é possível compreender o espaço a partir do mundo e, para a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1966, p. 281), “o espaço não é o meio (real ou lógico) no qual as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas torna-se possível”. Cunha (1998, p. 83) afirma que “o espaço, sendo extensão do corpo, é vivenciado como parte integrante da unidade corpórea e, como tal, não pode ser invadido, pois é condição de sobrevivência”. Pelas afirmações acima, percebe-se que outras áreas do conhecimento, além da Geografia, ocupam-se em definir, conceituar, categorizar o espaço nas suas variações de território, região, lugar, e suas relações com o conceito de natureza e nas formas de planejar as ações a serem desenvolvidas a fim de se alcançarem maiores possibilidades de qualidade de vida de quem os habita, fim precípuo de qualquer ordenamento territorial.

Região, segundo Leite (1994, p. 51),

enquanto categoria espacial é parte fundamental do processo de conferir valores ao território, e está sempre intimamente associada aos padrões culturais, à história econômica, ao modo de produção da sociedade e à relação existente entre os elementos do espaço (os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infra-estruturas).

O conceito de região, nos últimos tempos, passou por um processo de mudança de significados. O termo é usado desde indicando uma grande área geográfica, como região dos Grandes Lagos, região do Triângulo Mineiro, região da Chapada Diamantina, até áreas minúsculas, como, região do globo ocular, região craniana, entre outros. No caso de áreas geográficas, o termo região já foi utilizado para significar uma área de domínio econômico (agrícola, industrial, mineral), como: Região do Triângulo Mineiro (base econômica: criação de gado de corte); região do ABC paulista (indústria); região cacauera (agricultura); região de Carajás (mineração). É também utilizado como região de conflitos,

onde as territorialidades se manifestam, como: Região do Oriente Médio, com os territórios dos curdos, dos iraquianos, dos americanos, dos muçulmanos, dos xiitas, dos sunitas, uns se sobrepondo aos outros, ocupando o mesmo espaço geográfico. A região pode ser também uma região de elementos físicos específicos, como por exemplo, região dos alagados, do cerrado, da floresta amazônica, do semiárido, da campanha gaúcha, de mangues etc.

O termo região teve sua origem no latim (*regere*), do qual se originaram vários outros termos: regente, regra, regência. Na época do Império Romano, o termo *regione* era usado para designar áreas que estavam subordinadas à legislação de Roma, mesmo que houvesse uma administração local. Da mesma forma que o termo *regere*, na mesma época, surgiu o conceito de espaço (*spatium*), indicando a localização de objetos obedecendo a uma certa ordem. Também surgiu o conceito de província (*provincere*), área sob o controle dos que a haviam colocado sob a administração hegemônica de Roma. Com o esfacelamento do Império Romano, surgiu o poder autônomo dos feudos, predominante na Idade Média, em função da subdivisão das áreas que antes estavam sob o domínio do Império. Essa forma de dividir o espaço foi reforçada pela Igreja Católica que usou do mesmo procedimento para estabelecer sua hierarquia administrativa.

No século XVIII, com o surgimento dos Estados Modernos na Europa, a discussão sobre as unidades espaciais regionais voltou à tona, em função da necessidade da união regional para enfrentar o inimigo comercial, cultural ou militar, vindo do exterior. Da mesma forma como ocorreu na Antiguidade Clássica, voltou à tona a questão da relação entre a centralização, a uniformização administrativa e a diversidade espacial, física, cultural, econômica e política, sobre a qual o poder central deveria ser exercido. Surgem assim, novamente, as discussões sobre o conceito de região, nação, comunidades territoriais, diferenças espaciais.

A geologia, no século XIX, já usava o termo região como um dos conceitos-chave. A divisão regional de La Blache, constante em sua obra de 1903, *Tableau de la géographie de la France*, baseou-se no conceito utilizado pelos geólogos. O conceito de região natural surgiu da ideia de que o ambiente tem certo domínio sobre o desenvolvimento da sociedade. Foi a partir daí que começaram os debates sobre a forma de como o meio natural influenciava ou determinava o desenvolvimento de um lugar. Mais tarde surge o conceito de região geográfica, a partir da ideia de que o ambiente não é capaz de explicar tudo e de que as regiões existem como unidades básicas do saber geográfico, não como unidades morfológicas e fisicamente pré-constituídas. Resultariam, sim, do trabalho humano em determinado ambiente. São as formas de civilização, as ações humanas, os gêneros de vida que permitem entender uma determinada região.

Grigg (1973) fala da longa história da ideia de região, sendo que as primeiras sistematizações ocorreram no século XVIII e a discussão maior deu-se na primeira metade do século XIX. O autor apresenta três enfoques do conceito de região, resultantes das discussões encetadas nas duas primeiras décadas do século XX. São eles:

- a) conceito de *Pays* – refere-se ao gênero de vida. De maneira geral, esses *pays* eram rurais, sem industrialização, pouco afetados pela revolução dos transportes. Consistiu num método de análise das sociedades agrárias localizadas.
- b) Região natural – foi um conceito desenvolvido por Herbertson, que consistia na divisão de todo o mundo baseado, principalmente, nos aspectos físicos, salientando a relação íntima entre clima e vegetação. Para Herbertson, as regiões naturais deveriam ser a base para o estudo das sociedades humanas.
- c) Regiões de característica única – tentativa de dividir a terra em regiões de características

únicas, mas, após algum tempo, os geógrafos perceberam que as classificações naturais são muito difíceis, e, mesmo, impossíveis de conseguir.

Essas tendências, vindas de antes da Primeira Guerra Mundial continuaram, depois, com a tentativa de regionalização fisiográfica, com maior ênfase na tentativa de regionalizar as características agrícolas da superfície terrestre e de regionalização político-econômica, com fins de alinhamento para domínio e solução de problemas.

2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE REGIÃO

Tendo em vista a evolução do conceito de região, é possível traçar um quadro a partir das principais escolas e teóricos:

Escolas, teóricos e os conceitos de região na ciência geográfica

| Escolas/ teóricos | |
|--|--|
| 1. Escola Clássica | Conceitos de região |
| 1.1 Escola Francesa (Vidal de La Blache) | <ul style="list-style-type: none">• A região é uma realidade concreta, física, existe como um quadro de referência para a população que aí vive.• Ao geógrafo cabe desvelar, desvelar, a combinação responsável pela sua configuração• O método recomendado: descrição – através dela é possível penetrar na complexa dinâmica que estrutura este espaço.• O pesquisador deve se aproximar, conviver e indagar à própria região sobre sua identidade.• O trabalho de campo é importante: nele o geógrafo se aproxima das manifestações únicas da individualidade de cada região. |
| 1.2 Escola Alemã | <ul style="list-style-type: none">• Pequenas diferenças da Escola Francesa.• Desde o final do século XIX, junto com a França, foi o foco produtor da reflexão geográfica. |
| 1.2.1 Hettner | <ul style="list-style-type: none">• Foi o maior defensor de uma geografia regional, como síntese do trabalho geográfico; de formação filosófica neo-kantista, acreditava que o método das ciências humanas não podia ser comparado aos recomendados pelo domínio do positivismo clássico, dominante nas ciências físicas e matemáticas e que pretendia ser o único método efetivamente científico. |
| 1.2.2 Dilthey | <ul style="list-style-type: none">• Um dos autores mais conhecidos da escola neo-kantista.• Estabelecia que para as “ciências do espírito” (ciências humanas e sociais), o único meio para a produção do conhecimento era a descrição e a interpretação.• A metodologia básica dessas ciências era a compreensão que se opunha à explicação das ciências físicas e matemáticas.• Ajudou a forjar as características das ciências idiográficas e das nomotéticas.• Ciências idiográficas: tratam de fatos não repetitivos, não reprodutíveis, sem aspectos regulares que fundamentem leis ou normas gerais; os fatos só podem ser compreendidos a partir do contexto particular que os gerou, são únicos, não podem ser explicados, mas somente compreendidos à luz de suas particularidades.• Ciências nomotéticas: procuram nos fatos aquilo que é regular, geral e comum; estabelecem modelos abstratos que podem antecipar resultados a partir do conhecimento das variáveis fundamentais. |

continua

continuação

| | |
|---|--|
| 2. Geografia crítica - corrente radical | Conceitos de região |
| Geógrafos mais influenciados pela corrente marxista procuram estabelecer uma relação estreita entre o conceito de região e os conceitos de economia política marxista: regiões vistas como formações sócio-espaciais coincide com o conceito de formação sócio-econômica. | <ul style="list-style-type: none"> • A divisão do espaço se deve à divisão territorial do trabalho e ao processo de acumulação capitalista que produz e distingue espacialmente possuidores e despossuídos. • A identificação de regiões deve se ater àquilo que é essencial ao processo de produção do espaço (divisão sócio-espacial do trabalho). • Novas regionalizações tendo em vista: diferentes padrões de acumulação, nível de organização das classes sociais, desenvolvimento espacial desigual, etc. • Aceita a região como sendo um processo de classificação do espaço, segundo diferentes variáveis – a controvérsia se dá em relação ao conteúdo (escolha dos critérios), mas é preservada a forma de proceder metodológico. |
| Geografia crítica – corrente humanista (década de 1970). | Conceitos de região |
| Busca no passado da disciplina elementos que seriam importantes resgatar: consciência regional, sentimento de pertencimento, mentalidades regionais, entre outros (revalorizam a dimensão regional como um espaço vivido). | <ul style="list-style-type: none"> • Região vista como um quadro de referência fundamental na sociedade. • Para compreender uma região é preciso viver a região. |

Fonte: GOMES, 1985, p. 57 – 63. Elaboração: ROCHA, L. B.

De acordo com Gomes (1985, p. 53-54), os domínios da noção de região são:

- Localização e extensão: associada à localização e à extensão de um fenômeno ou de um fato; referência a limites atribuídos à diversidade espacial.
- Unidade administrativa: a divisão regional é o meio para se exercer, com frequência, a hierarquia e a administração do Estado. As divisões administrativas foram as primeiras formas de divisão territorial nos mapas desde o fim da Idade Média. As divisões administrativas podem aparecer sob várias denominações: *Régions* (França), *Províncias* (Itália), *Laender* (Alemanha). Apesar das diferentes denominações, a divisão regional é, de maneira geral, a malha administrativa fundamental de definição das competências e limites de autonomia dos poderes locais na gestão do território dos Estados modernos. O conceito de região como estratégia de gestão, também é utilizado por instituições e empresas de grande porte.
- Uso nas ciências em geral: uso associado a um certo domínio, como o domínio de uma determinada propriedade matemática, de uma dada espécie, de um afloramento rochoso, associações de climas, flora e fauna (região australiana, região siberiana, etc.). Nestes casos, a noção de região está de acordo com sua etimologia, ou seja, área sob um certo domínio, área definida por uma regularidade de propriedades que a definem.

- Uso na Geografia: a noção é mais complexa, pois a geografia, ao tentar fazer dela um conceito científico, trouxe as indefinições e seu uso na linguagem do senso comum, somadas a ela as discussões epistemológicas que o emprego deste conceito impõe.

Pode-se, desta forma, chegar a três consequências relacionadas ao debate sobre o conceito de região, de acordo com Gomes (1995, p. 52):

- Implicações no campo da política, da dinâmica do Estado, da organização da cultura e do estatuto da diversidade espacial.
- A discussão sobre região e seus correlatos, como nação, relaciona-se às projeções no espaço sobre as noções de autonomia, soberania, direitos, entre outros.
- O campo privilegiado desse tipo de discussão foi a Geografia, já que um de seus conceitos-chave tem sido a região.

Outra linha de discussão do tema, agora numa perspectiva da história do pensamento geográfico, Silva e Silva (1997) assim resumem a evolução do conceito de região:

- a) na perspectiva da Geografia Teórica-Quantitativa: o conceito de região está associado ao de uma classe de área;
- b) na perspectiva da Geografia Radical, em especial a de base marxista – o conceito de região associa-se à área de extensão de um determinado modo de produção;
- c) na perspectiva da Geografia Humanista – nesta corrente de pensamento, a valorização da região se dá pela percepção dos espaços e pelo significado dos lugares pelas pessoas.

Sintetizando, pode-se dizer, de acordo com Haesbaert (1999, p. 29), que região é, “ao mesmo tempo um espaço de reprodução econômica, *locus* de representação política e um espaço de identidade cultural”.

3 REGIÃO CACAUEIRA: CONCEITO

A região cacauzeira do Sul da Bahia já se constituiu num espaço de referências aristocráticas: os coronéis do cacau faziam passeios constantes pela Europa, seus filhos estudavam nas principais capitais do país, suas esposas ostentavam roupas importadas. A seca do sertão nordestino, a migração dos camponeses sulistas, os destituídos de bens materiais eram problemas que passavam ao largo. A vassoura-de-bruxa, então, ao acampar por estas bandas no final da década de 1980, fez estragos, mas também acordou os que dormiam “eternamente em berço esplêndido”, lembrando que a vida, e o que dela faz parte, estão em constante mudança, indo sempre para frente, obrigando a uma revisão das atitudes, dos costumes, para que não se crie limo e não se obstrua o caminho dos que querem passar adiante, sempre mais desenvolvidos e mais humanos.

Assim como o conceito geral de região sofreu alterações ao longo do tempo, o de região cacauzeira também passa pelo mesmo processo. A noção de região, “como todas as noções provenientes da linguagem comum, é assaz imprecisa” (RONCAYOLLO, 1986, p. 160). Ao mesmo tempo em que se usava o conceito de região cacauzeira, era usado também o de zona cacauzeira, sendo que este se referia tão somente aos aspectos físicos, enquanto aquele, mais recente, era atinente aos aspectos físicos relacionados ao seu uso pelo homem. Santos (1957, p. 10 e ss.) propunha uma revisão, baseada na realidade econômica da época, no que se refere à classificação do IBGE quando define Zona Cacauzeira. O autor demonstra em seu estudo que, alguns municípios que não estavam na relação do IBGE produziam cacau, enquanto não era a totalidade dos municípios citados,

como fazendo parte da Zona Cacaueira, que o produziam. Além disso, muitos municípios considerados da zona cacaueira por Santos “também se entregam a outro gênero de exploração agrícola, principalmente à criação de gado” (op. cit. p. 12).

Com relação aos conceitos de Zona Cacaueira e Região Cacaueira, Santos (op. cit. p. 14) explicita que

Pode-se, também, falar da existência, na Bahia, de uma verdadeira *região cacaueira*, isto é, uma área maior de que faz parte a zona cacaueira (sic), e que a ela está íntima e funcionalmente ligada. É um fenômeno muito comum aos países novos e que aqui se desenvolve sob as nossas vistas: a formação de uma região.

Enquanto o conceito *Zona Cacaueira* se balizava pelo estudo dos fenômenos naturais, o de *Região Cacaueira* era baseado, principalmente, “na paisagem, incluindo os fatos essenciais que a explicam [...] um conjunto do meio físico e dos seus aspectos de utilização pelo homem” (TRICART; SANTOS, 1958, p. 11). Como se observa, o conceito de região era nitidamente baseado nos aspectos físicos e na delimitação de área com suas atividades humanas, visto que os autores consideram que, para uma divisão regional, deveriam entrar como elementos: a caracterização do meio físico, as formas de exploração direta dos recursos naturais e as atividades humanas tais como comércio, transporte, indústrias, dentre outros (op. cit., p. 13).

O IBGE fez a primeira divisão do Estado da Bahia, em 1940, com base no critério fisiográfico e de posição geográfica, a partir da homogeneidade física (ASMAR, 1983). A partir desse critério, a Bahia passou a ter 16 Zonas Fisiográficas, com qualidades e especificidades distintas entre si. Nessa época, a Zona Cacaueira era composta de 21 municípios (passando mais tarde para 24 devido a desmembramentos de alguns), sendo que, nem todos produziam cacau no período anterior à década de 1970. O conceito e a divisão da Bahia em zonas Fisiográficas, do IBGE, perduraram por mais de duas décadas. Em 1966 o IBGE substituiu o conceito de Zona Fisiográfica Cacaueira, pelo de Microrregião Cacaueira. Passaram a fazer parte desta nova divisão 28 municípios. Para Asmar (1983, p. 25), o conceito de Microrregião Cacaueira, embora insuficiente,

é o que mais se aproxima do conceito real de Região Cacaueira. Isto pela importância do cacau aí representado, mas também pela própria homogeneidade cultural, histórica, social, econômica e geográfica. Quanto maior o raio de distância do eixo Itabuna-Ilhéus, mais se estará perto da heterogeneidade desses componentes, isto é, menor é a homogeneidade do espaço.

A partir de 1968, passaram a fazer parte da microrregião 48 municípios do Sul do Estado, excluindo-se municípios que, embora fazendo parte da Zona Cacaueira, não produziam cacau, e outros que, apesar de o produzirem, não pertenciam à zona fisiográfica, como o caso de municípios da Zona do Recôncavo, por fugirem à contiguidade física. Outro conceito de Região Cacaueira, na década de 1970, referia-se aos municípios produtores de cacau e os que sofriam influência do produto, todos sob a jurisdição técnico-agronômica da Comissão Executiva para o Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), num total de 89 municípios.

Asmar (1983, p. 23) informa ainda que, “em 1971 a Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia iniciou estudos, através de uma regionalização que nada tinha com

a oficializada pelo IBGE”. Para a CEPLAC coube o estudo da Microrregião Litoral Sul, composta de 48 municípios que faziam parte das microrregiões Tabuleiros de Valença, Cacauzeira e Encosta do Planalto de Conquista. Essa conceituação, contudo, foi abandonada no governo seguinte, por ter sido considerada de cunho eminentemente político, “apesar dos recursos humanos e financeiros envolvidos” (ibidem).

Surgiram, na década de 1970, os conceitos de Região do Diagnóstico, Polígono do Diagnóstico ou Sudeste da Bahia. Eles eram tomados como sinônimos, em diferentes publicações (ASMAR, 1983, p. 23). Faziam parte deste Diagnóstico 89 municípios no sudeste baiano, compondo as microrregiões: Cacauzeira, Interiorana do Extremo Sul, Litorânea do Extremo Sul, Tabuleiros de Valença, Jequié, Encosta do Planalto de Conquista, Planalto de Conquista e Pastoril de Itapetinga (Tabela 1). Dois terços desses municípios produziam cacau. Contudo, essas microrregiões, se “eram homogêneas de per si, eram heterogêneas demais para merecer um mesmo enfoque e tratamento” (ibidem p. 24).

Em 1974 passou-se a utilizar o conceito de Grande Região Cacauzeira (ASMAR, 1983, p. 26). Entendia-se que esse conceito se contrapunha ao de Microrregião, por ser este baseado na produção de cacau, tendo Itabuna e Ilhéus como importantes centros produtores e polos de crescimento econômico; já o conceito de Grande Região Cacauzeira significaria maior complexidade econômica, visto que o cacau convive ao lado de outros produtos como pecuária leiteira, seringa, dendê, cravo, café, pimenta, dentre outros. Assim, a Região Cacauzeira do Sul da Bahia foi se formando, ao longo do tempo, tendo como base a monocultura do cacau. Como resultado dessa prática econômica formaram-se classes socioeconômicas, como a dos coronéis, dos comerciantes, dos trabalhadores rurais voltados para a produção do cacau, signo de dominação, riqueza, crises, pobreza, crescimento.

4 A FORMAÇÃO DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

A região cacauzeira do sul da Bahia, dentro da divisão do IBGE em Mesorregiões, está localizada na região Sul Baiano, a qual se caracteriza pela grande diversidade de aspectos sócio-demográficos quanto ao crescimento e à distribuição espacial, conforme tabela a seguir:

Tabela 1. Região Sul da Bahia: distribuição dos municípios, população, área de densidade por subárea – 2006

| Sub-áreas (microrregiões) | Municípios | | População* | | Área | | Densidade |
|-----------------------------|------------|-------|------------|-------|-----------------|-------|---------------------|
| | Número | % | Número | % | Km ² | % | Hab/km ² |
| Cacauzeira (Ilhéus-Itabuna) | 41 | 58,5 | 1.071.555 | 52,0 | 19.542 | 34,9 | 55 |
| Baixo Sul (Valença) | 10 | 14,5 | 244.142 | 12,0 | 5.971 | 10,7 | 41 |
| Extremo Sul (Porto Seguro) | 19 | 27,0 | 732.439 | 36,0 | 30.420 | 54,4 | 24 |
| Região | 70 | 100,0 | 2.048.136 | 100,0 | 55.933 | 100,0 | 36,6 |

Fonte: IBGE (Disponível em: <http://www.tabnet.datasus.gov.br>. SEPLANTEC 1997, p. 62.

*Estimativa: baseado no Censo do IBGE de 2000.

Elaboração e adaptação: ROCHA, L. B.

Conforme se observa na tabela, os 70 municípios que compõem a Região Sul da Bahia (Mesorregião Sul Baiano), o maior número deles está inserido na subárea cacauzeira, ou Microrregião Ilhéus-Itabuna (41 municípios), apesar de ocupar o segundo lugar em área (19.542 km²), depois da Microrregião do Extremo Sul (30.420km²). Aquela microrregião também se sobressai no que diz respeito ao total da população (52% do total regional, com uma população absoluta de 1.071.155 habitantes) e à densidade demográfica (55 hab/km²) contra 41 hab./km² da segunda área mais densamente povoada, o Baixo Sul.

O cultivo do cacau, a comercialização e a exportação do produto foram responsáveis pela modelagem da região cacauzeira do sul da Bahia, onde se desenvolveu a burguesia cacauzeira, inicialmente formada pelos grandes produtores e comerciantes exportadores. A primeira parte desse período foi marcada pelas correntes migratórias, pelo desmatamento da floresta, o plantio do cacau, a formação da estrutura comercial, viária, enfim, dos instrumentos que permitiriam o comércio e escoamento da produção do cacau (FREITAS; PARAISO, 2001). No período inicial, os imigrantes que se destacaram foram os alemães, os quais estabeleceram uma colônia no rio Almada, a qual fracassou por ocasião da independência do Brasil. Além desses colonos europeus, espanhóis estabeleceram-se às margens do rio Cachoeira, ao lado de migrantes nacionais. A zona cacauzeira, formada principalmente por Ilhéus e Itabuna, mas também por áreas que iam do Rio das Contas a Belmonte, passou a atrair aventureiros de vários lugares do Nordeste, em especial de Sergipe (ALMEIDA, 1977, p. 34-35).

A cultura do cacau introduzida na região sul da Bahia, a partir daquela época (século XVIII), passou a ser a razão da ocupação de novas terras e foi responsável pela formação de uma classe social constituída, além dos coronéis, pelos trabalhadores das lavouras de cacau, e pelos jagunços, os quais seriam os guardiões das roças de cacau e de seus senhores:

Os jagunços apareciam nos cavalos agitados, os arreios ricos e vistosos. As armas na cintura, as cartucheiras recheadas de balas. [...] Quando eles apareciam, luz de vela era acesa por mãos aflitas, mulheres recolhiam-se no oratório, tremor de lábios desfiavam rezas nos rosários. [...] Os jagunços tinham olhos de animal atento, os cabelos desciam até os ombros. O vento era indomável com o ódio que, às escondidas, traziam sempre no peito. [...] Os jagunços passavam em suas montarias velozes pela rua deserta, ferraduras chispavam a terra que se levantava numa nuvem de poeira [...] naquele imenso território, com suas árvores de frutos de ouro, traçoeiros nas baixadas e serras. [...] A natureza humana era tão bárbara naquele território que se tornava inconcebível (MATTOS, 1999, p. 61-62).

A violência na Região Cacauzeira, em seus primórdios, pode ainda ser atestada por Jorge Amado, quando escreve que “nos limites de Itabuna e Ilhéus, ergue-se hoje uma Universidade [UESC] com milhares de alunos. Mas, naquele então, minha mãe dormia com a repetição [espécie de espingarda] sob o travesseiro” (AMADO, 1996, p. 49). Na mesma obra (p. 51) o autor descreve a azáfama diária, em que cavaleiros e cavalos, as crianças, a lama das ruas tinham que dar passagem, e os armazéns estarem de prontidão para o principal personagem regional, o cacau:

cavaleiros atravessavam a rua no galope dos cavalos, o revólver no cinto. [...] as crianças que brincavam na lama das ruas se afastavam rápidas abrindo o caminho [...] e mil vezes por dia a lama era revolvida, cacau e mais cacau se depositava nos armazéns enormes. Assim era Tabocas [Itabuna].

A lavoura cacauceira, no sul da Bahia, representava a solução para o pagamento das dívidas da Província que, desde a segunda metade do século XIX, fazendo parte do cenário nacional, passava por dificuldades causadas pela extinção do tráfico de escravos e consequente escassez de mão-de-obra, aumento do mercado interno, a urbanização e a imigração. Ao mesmo tempo, com a decadência da lavoura canavieira, algodoeira e da pecuária do nordeste, a zona de cultivo do cacau seria um receptor natural do excedente da mão de obra dessas áreas.

O cacau, devido ao sucesso de sua cultura, trouxe à região as primeiras famílias, vindas dos mais diferentes recantos do Brasil e do mundo, mas, principalmente, do estado vizinho, Sergipe: “Desbravando a terra, penetrando, implantando e consolidando a lavra do cacau, o sergipano tem amanhecer fundamental na formação de uma saga feita de cobiça e morte” (MATTOS, 1999, p. 49). As diferentes famílias que ocuparam as terras propícias ao plantio do cacau passaram a travar lutas para ocupar áreas cada vez maiores, e, assim, foram surgindo fazendas, vilas, lugarejos e cidades, formando a *civilização do cacau* (PÓLVORA; PADILHA, 1979). A vinda dessas famílias era estimulada pela propaganda do governo, as quais eram incentivadas pela possibilidade “de progresso individual para os que se dispusesse a conquistar as terras virgens e ricas, descritas como um bem ilimitado e apropriável para qualquer pessoa que se dispusesse a trabalhá-las” (FREITAS; PARAÍSO, 2001, p. 85).

Além da possibilidade de serem donas das terras, as quais existiam em abundância, as famílias que optavam pelo plantio do cacau no sul da Bahia, faziam-no animadas pela possibilidade de terem sua produção inserida no comércio de exportação internacional. Acreditavam ser a lavoura do cacau altamente rentável, abrindo, desta forma, caminho para ascensão econômica e social. Quanto a isso, assim se expressa Costa (1995, p. 169):

O progresso da região cacauceira e sua fama deram lugar aos comentários, promovendo a presença de várias famílias de outros estados, de linhagem, porém empobrecidas, a virem residir nessa região [...] dentre outras está a família Amado [família de Gileno Amado, cacauicultor e político regional], com cerca de 20 membros.

A historiografia regional registrou poucos nomes dos primeiros agricultores do sul da Bahia, além do primeiro cacauicultor, Antônio Vieira. Os imigrantes, cuja primeira leva, constituída de 160 pessoas distribuídas em 28 famílias, eram formados de alemães e espanhóis, embarcados em Roterdã em janeiro de 1822, chegaram a Ilhéus em abril do mesmo ano. Estes colonos foram contratados por dois agricultores, Sankrancker e Weyl, com a missão de plantar café na região do rio Almada, próximo a Ilhéus (SELIGSONH, s. d., p. 20). O projeto, contudo, falhou, tendo em vista as dificuldades que encontraram, tais como: despreparo físico dos imigrantes para suportar o clima, falta de acomodações para as famílias, condições de solo e de clima impróprios para o cultivo do café, a malária, entre tantos outros entraves. Os que sobreviveram instalaram-se próximo a Ilhéus, na localidade de Banco da Vitória, dedicando-se ao cultivo do cacau. Surgiu, assim, o primeiro núcleo de uma zona que, oitenta anos depois, começaria a projetar-se como “maior centro de produção de cacau, visto estar localizado no eixo Ilhéus-Itabuana” (ibidem, p. 20). Com o passar do tempo e o sucesso da lavoura cacauceira, a antiga capitania hereditária transformou-se num verdadeiro império, no qual as regras e as leis eram ditadas pelos *coronéis*, os quais controlavam a política local, destacando-se no cenário nacional.

5 A REGIÃO CACAUEIRA COMO LUGAR DE VIVÊNCIA

A região pode ser considerada a partir da percepção, valorizando suas qualidades sensoriais, pois “nossos sentidos são locais enquanto que nossa experiência é regional” (LYNCC, 1981, p. 10). Atualmente, o conceito de Região Cacaueira poderia ser analisado no sentido de saber se ela é acessível a seus habitantes, se todos têm direito a ela como provedora de suas necessidades materiais, intelectuais, espirituais, se ela se constitui no lugar de seus moradores. Neste estudo, a Região Cacaueira do Sul da Bahia analisará a região como lugar, local de vivência, das experiências, do mundo-vivido, do cacau como signo regional que interferiu e interfere no *modus vivendi* dos habitantes da área produtora de cacau.

Num questionário aplicado a moradores da região sobre que municípios, para elas, formam a região cacaueira (deviam relacionar cinco municípios em ordem de importância na sua concepção), e qual a cidade mais importante, ficou claro que, para eles, a região cacaueira é composta pelos municípios que são mais representativos quanto à produção de cacau e da cidade que, de uma forma ou outra, faz parte de seu cotidiano, supre suas necessidades de comércio, estudo, lazer, enfim, é o palco onde suas vidas acontecem, o lugar de sua vivência.

Na literatura regional, fica claro, também, o conceito de região como mundo-vivido, quando Coutinho (1996, p. 69-70) escreve que

Já menino de sete ou oito anos, quando sua família se mudou para a capital do Estado [Salvador], reencontrou aquela região – a Região Cacaueira – na psicologia de todos os seus parentes. Aquele sentido trágico e fatalista da vida, resultante [...] da imprevisibilidade das safras, das possíveis pragas, o preço do cacau, decidido sempre em outra parte [Nova York], tudo coisas completamente incontroláveis e remotas para os moradores da região.

Como se observa, a autora fala de *moradores da região*, numa clara alusão de sentido de lugar, de vivência, de experiência quanto aos problemas gerados pela cultura do cacau, com resultados imprevisíveis, decisões tomadas fora de seu lugar, levando a uma ciranda em que, às vezes, “estavam bem de dinheiro só para, poucos meses depois, quase mendigavam alguma coisa para comer” (COUTINHO, op. cit, p. 70).

Simões (1998, p. 120-122) refere-se à Região Cacaueira como uma entidade, com virtudes e defeitos, confirmando-a como lugar de sua gente, seu mundo-vivido, com suas alegrias e suas mazelas. Escreve ela que

[Anos 1930] [...] uma *região* rica, opulenta e poderosa, terra de coronéis, jagunços e trabalhadores rurais, matrizes do perfil da *região*. Tempos em que os frutos de ouro eram o centro gerador de toda a dinâmica sociocultural da *região*, termômetro das alegrias e tristezas de sua gente. [...] aqueles coronéis, jagunços, ruralistas, com seus costumes, tradições, credences e superstições, compunham o painel humano da terra, e construía a sua identidade. [Anos 1990] [...] a *região* empobrece [...] a *região* passa a enxergar o que antes o brilho do cacau não deixava ver, a sua singularidade: estar inserida no coração da Mata Atlântica [...] começa a enxergar as suas diferenças [...] (grifos nossos).

Nesse texto fica claro que a autora considera a região como lugar, onde o cotidiano acontece, onde o mundo-vivido se faz presente.

Ainda na literatura regional, Jorge Amado, Adonias Filho, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Euclides Netto, entre outros, já tratavam a Região Cacauzeira como o lugar dos acontecimentos que têm o cacau como símbolo principal, em nome do qual a beleza, a feiúra, a abundância, a miséria, a morte, a vida, o progresso, o atraso, o passado, o presente e o futuro acontecem.

Assim, região para os habitantes da região cacauzeira, é o de lugar de vivência, dos acontecimentos, dos fenômenos ocorridos às populações que viveram, vivem e insistem em viver sob o signo do cacau como um ente que lhes permite a vida. Dessa forma, a região cacauzeira do sul da Bahia passa a ter o sentido de IDENTIDADE e LUGAR, em conformidade com

- Relph (1980, p. 61), a identidade do LUGAR é formada de três componentes inter-relacionados: características físicas ou aparências, atividades observáveis e significados ou símbolos.
- Tuan (1983), o mundo geográfico é formado pela inter-relação do ESPAÇO como experienciado, PAISAGEM como a superfície que limita o espaço e o LUGAR como centro de significados no espaço e paisagem. LUGAR, que pressupõe afetividade, pertencimento, topofilia.

A REGIÃO desenvolve-se e transforma-se ao longo do TEMPO e localiza-se no ESPAÇO, conceitos que perpassam pelas análises geográficas, podem ser sintetizados na aparente contradição expressa no poema de Arruda (2005, p. 20):

| | | |
|--|--|--|
| O tempo não é fonte Muito menos o leito. . Ele se faz um rio Que corre pelos corpos e almas Como um lago corre Pelas margens e os leitos. O tempo não é brisa Muito menos a tempestade. Ele se faz uma gota de orvalho Que cai docemente sobre um corpo Ou ultrapassa velozmente uma alma. | O tempo não é o destino Muito menos a felicidade. Ele se faz constante na história E muda a cada instante o sentido Não tem medida nem fim. O tempo não é uma face certa Muito menos um rosto incerto. Ele se faz tão presente a todos Como misterioso e ausente Sob explicações da gente | O tempo não é um pensamento Muito menos uma realidade. Ele se faz um sonho incerto Uma torrente de águas puras Uma brisa suave e cheia de candura Um destino bom e amigo De feições conhecidas e olhares gentis Que para qualquer um tem A sua significação tão certa E ao mesmo tempo tão incerta. |
|--|--|--|

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. B. de. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio. **Planejamento**, Salvador, v. 5, n. 4, p. 19- 54, out./dez., 1977.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 87. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1976, 2002.
- AMADO, Jorge. **O menino Grapiúna**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMADO, Jorge. **Tocaia Grande: a face obscura**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, 1998.

- ARRUDA, Dulcilene. Tempo e espaço. **O Rosacruz**. Curitiba: AMORC, 2005.
- ASMAR, Selem Rachid. **Sociologia da microrregião cacaueira**. Itabuna: Itagrafe, 1983
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- COSTA, José Pereira da. **Terra, suor e sangue: lembranças do passado / História da Região Cacaueira**. Salvador: EGBA, 1995.
- COUTINHO, Sônia. Cerrados e cacauais. In: MATTOS, Cyro de. et al. **Itabuna, chão de minhas raízes**. Itabuna: Colorgraf, 1996.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa da. **Espaço real e imaginário**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998.
- GASPAR, Jorge. **O novo ordenamento do território: geografia e valores**. Centro de Estudos Geográficos: Universidade de Lisboa, 1995. Disponível em: www.ub.es/geocrit. Acesso em: 20 out. 2003.
- GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- GRIGG, David. Regiões, modelos e classes. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, n. 32. p. 2-45, maio/jun., 1973.
- FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul – Ilhéus, 1534-1940**. Ilhéus: Editus, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. In: **GEOgraphia**. Rio de Janeiro: UFF. Ano 1, n. 1, p. 15-39, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EduFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- LEITE, M. A. F. P. **Destruição ou desconstrução?** São Paulo: Hucitec, 1994.
- LYNCH, Kevin. **Managing the Sense of a Region**. Cambridge: The MIT Press, 1981.
- MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Coleção leitura.
- MATTOS, Cyro de. **O mar na rua do Chile e outras crônicas**. Ilhéus: Editus, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris, Gallimard, 1966.
- MORAES, A. C. R. de; COSTA, W.M. da. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MOREIRA, Ruy. **O círculo e a espiral**. Niterói: Edições AGB, 2004.
- PÓLVORA, H.; PADILHA, T. **Notícias sobre a “civilização” do cacau**. Itabuna: CEPLAC, 1979.
- RATZEL, Friedrich. El Territorio, la Sociedad y el Estado. **L’année Sociologique**, n. 3, p. 1-14. 1898.
- RELPH, E. C. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1980
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de Souza (org.). **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições TERRITORIAL, 2003. p. 29-40.
- ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacaueira da Bahia: dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação**. Ilhéus: Editus, 2008.
- RONCAYOLO, Marcel. Região. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1986. v. 8.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. 17. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

- SANTOS, Milton. **Zona do cacau:** introdução ao estudo geográfico. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Simões (1998, p. 120-122).
- SELIGSOHN, Otto E. **Cacau da Bahia:** história e problemática. Salvador: Editora Beneditina, s. d.
- SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Bárbara-Christine Nentwig. Lugares e regiões em um contexto global de dinâmica global. In: **Territórios em redefinição.** Lugar y mundo em América Latina. 6º Encontro de Geografia de América Latina. Buenos Aires/Argentina, 17 al 21 de marzo de 1997.
- SILVA, S. B. de M. e. Organização sócio-territorial e dinâmica dos lugares e regiões. In: SILVA e SILVA. **Estudos sobre globalização, território e Bahia.** Salvador-UFBA: Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia, 2003. p. 17-32.
- SILVA, S. B. DE M. e. SILVA, B. C. N. Reinventando o território: tradição e mudança na região do sisal – Bahia. In: SILVA e SILVA. **Estudos sobre globalização, território e Bahia.** Salvador-UFBA: Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia, 2003. p. 131-153.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A ficção da região cacauera baiana: questão identitária. **Revista do centro de estudos portugueses Hélio Simões.** Ilhéus: Editus, n. 1, p. 119-128. 1998.
- SMITH, Graham. Teoria política e Geografia Humana. In: GREGOORY, D., MARTIN, R. & SMITH, G. (Orgs.). **Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 65-89.
- TRICART, Jean; SANTOS, Milton. **Estudos de Geografia da Bahia.** Geografia e Planejamento. Salvador: Aguiar e Souza, 1958.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.